

AMIGOS E IRMÃOS EM CRISTO: A CORRESPONDÊNCIA ENTRE GEORGE CHAMBERLAIN E RUI BARBOSA

*Alderí Souza de Matos**

RESUMO

O Rev. George W. Chamberlain, missionário fundador da Escola Americana e do Mackenzie College, sempre demonstrou interesse em fazer contatos com pessoas destacadas do mundo social, intelectual e político do Brasil. Ele o fazia não só em busca de simpatia e auxílio para o incipiente trabalho evangélico no país, mas também movido pela genuína preocupação de transmitir a essas pessoas influentes o evangelho de Cristo. Um dos vultos de quem ele se aproximou foi o eminente jurista, político e pensador Rui Barbosa, com o qual estabeleceu uma relação de confiança e amizade. O objetivo deste artigo é descrever e analisar a correspondência de mais de quinze anos (1885-1901) entre o pastor norte-americano e o homem público brasileiro, a partir de treze cartas trocadas entre eles. Onze dessas cartas foram enviadas por Chamberlain e duas por seu interlocutor. O artigo começa com a apresentação dos personagens, prossegue com a análise do conteúdo das cartas e conclui com algumas considerações sobre o significado e efeitos dessa correspondência.

PALAVRAS-CHAVE

Protestantismo brasileiro; Igreja e sociedade no Brasil; Liberdade religiosa; Evangelização; George W. Chamberlain; Rui Barbosa.

INTRODUÇÃO

Um fato pouco conhecido da carreira do Rev. George Whitehill Chamberlain, o fundador da Escola Americana de São Paulo, foi a sua longa ami-

* Doutor em Teologia (Th.D.), Boston University School of Theology; mestre em Novo Testamento (S.T.M.), Andover Newton Theological School (Newton Centre, MA); professor de Teologia Histórica no CPAJ; redator de *Fides Reformata*; historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

zade com o ilustre jurista, político e intelectual Rui Barbosa. É sabido que os dois personagens se encontraram pessoalmente em algumas ocasiões e que Chamberlain chegou a visitar a residência de Rui e conheceu a sua família. Uma das expressões mais concretas dessa amizade foi a correspondência trocada entre ambos por dezesseis anos, de 1885 a 1901. Infelizmente, só se conhece um lado dessa interação, ou seja, as cartas do missionário ao homem público, arquivadas na Fundação Casa de Ruy Barbosa, no Rio de Janeiro. Com duas exceções, não são conhecidas as respostas de Rui a Chamberlain. Assim, as cartas são mais reveladoras das ideias, atitudes e iniciativas de Chamberlain do que do seu correspondente. Ainda assim, são muitas e valiosas as informações que elas transmitem sobre a personalidade e as concepções religiosas de Rui Barbosa. O objetivo deste artigo é mostrar os contextos e a natureza dessa correspondência, buscando ver como lançam luz sobre aspectos importantes da história do protestantismo brasileiro no final do Império e no início do período republicano.

As cartas de Chamberlain a Rui Barbosa foram publicadas recentemente pelo Dr. Nelson Câmara, fundador e presidente da Academia Mackenzista de Letras, em seu livro sobre John Theron Mackenzie.¹ As duas cartas de Rui Barbosa a Chamberlain podem ser encontradas em uma edição de 1885 do jornal *Imprensa Evangélica*.² Ao todo foram consultadas para este artigo treze cartas, onze de Chamberlain a Rui em inglês e duas respostas deste em português. É possível e até mesmo provável que os dois personagens tenham trocado mais cartas do que as que estão disponíveis, tendo algumas delas se perdido ou estando arquivadas em outros locais. Todavia, as que foram consultadas são suficientes para se construir um perfil do relacionamento entre os dois personagens. O artigo começa com alguns dados biográficos de Rui Barbosa, sua participação nas discussões religiosas que marcaram o final do Império e algumas informações básicas sobre Chamberlain. A seguir, a correspondência é analisada em três temas e etapas: o lançamento da pedra fundamental do Internato Masculino da Escola Americana (1885), os novos tempos vividos pela Igreja Presbiteriana e pelo Brasil na época da Proclamação da República (1890-1893) e os desafios enfrentados na virada do século 20 (1897-1901).

1. OS PERSONAGENS

1.1 Rui Barbosa

Rui Barbosa de Oliveira nasceu em Salvador, Bahia, no dia 5 de novembro de 1849. Era filho de um médico e político cujas amizades e conexões seriam

¹ CÂMARA, NELSON. *John Theron Mackenzie*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018, p. 70-97. Ver uma resenha da obra nesta edição de *Fides Reformata*.

² “Conselheiro Ruy Barbosa”, *Imprensa Evangélica*, 26/05/1885, p. 98.

importantes para a futura carreira do jovem. Desde cedo, sobressaiu-se por sua inteligência privilegiada, sendo muito elogiado por seus primeiros mestres. Em 1866, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, transferindo-se dois anos mais tarde para a célebre Academia Jurídica do Largo de São Francisco, em São Paulo, onde se formou em 1870, o ano em que surgiu modestamente a Escola Americana. A essa altura, Rui já era forte simpatizante do ideário liberal e, em especial, da causa abolicionista, sobre a qual fez pronunciamentos.

Retornando à cidade natal, dedicou-se à carreira jurídica, trabalhando no escritório de Manuel de Souza Dantas, famoso advogado. Também se iniciou no jornalismo, como articulista e depois diretor do jornal *Diário da Bahia*, pertencente ao mesmo Souza Dantas. Em 23 de novembro de 1876, casou-se com Maria Augusta Viana Bandeira, com a qual teria cinco filhos: Maria Adélia (1878), Alfredo (1879), Francisca (1880), João (1890) e Maria Luísa (1894), todos com o sobrenome Ruy Barbosa. No ano seguinte ao do casamento, foi eleito deputado à Assembleia Provincial da Bahia.

Em 1878, elegeu-se deputado à Assembleia Nacional, na capital do Império, para onde transferiu residência. Exerceu essa função por dois mandatos consecutivos, até 1884. Nestes seis anos, começou a destacar-se nos âmbitos político e intelectual do país. Colaborou ativamente na reforma eleitoral com o “Projeto Saraiva” (1881) e foi autor de um plano de reforma do ensino que não chegou a ser aprovado (1882). Em 1884, foi encarregado pelo Ministério de elaborar o projeto de abolição da escravatura.³

Rui Barbosa começou a atrair as atenções dos protestantes brasileiros ainda muito jovem, aos 28 anos, na época em que se tornou deputado provincial e não era conhecido em âmbito nacional. Versado no idioma alemão, publicou em 1877 sua tradução do livro *O Papa e o Concílio*, do teólogo, historiador e sacerdote Johann Joseph Ignaz von Döllinger, que escreveu sob o pseudônimo Janus. Tal obra, publicada originalmente na Alemanha em 1869, foi uma reação ao dogma da infalibilidade papal, que seria proclamado no ano seguinte pelo Concílio Vaticano I, convocado pelo papa Pio IX (1846-1878). Esse papa, que teve o mais longo pontificado da história da igreja, notabilizou-se pelo seu ultramontanismo, ou seja, sua forte afirmação da supremacia papal. Isso já havia ficado explícito na encíclica *Quanta cura* (1864) e em seu famoso apêndice, o “Sílabo de Erros”, uma incisiva rejeição de vários elementos da modernidade. O Sílabo reivindicou para a igreja o controle da cultura, da ciência e da educação, exigiu sua plena independência em relação ao estado e rejeitou a liberdade de consciência e de culto. Também condenou fortemente, entre outros movimentos, a maçonaria e o protestantismo.

³ TORRES, Edison. “Rui Barbosa: jurista, jornalista, diplomata e político”. Disponível em: www.editorajc.com.br/rui-barbosa-jurista-jornalista-diplomata-e-politico. Acesso em: 3 abr. 2020; WIKIPÉDIA, “Ruy Barbosa”. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Ruy_Barbosa. Acesso em: 3 abr. 2020.

Nessa época, estavam se intensificando os esforços de Roma para assumir o pleno controle da igreja católica brasileira, que vinha sendo tutelada pelo Estado há vários séculos mediante a instituição do padroado. No início dos anos 1870, os bispos brasileiros, sete dos quais, de um total de onze, haviam participado do Concílio Vaticano I, se empenharam em alinhar a igreja com a cúria romana, iniciando forte campanha contra a maçonaria. O resultado foi a célebre “Questão Religiosa” ou “Questão dos Bispos” (1872-1875), um conflito entre a hierarquia e o governo imperial que acabou enfraquecendo o Império e contribuiu para a separação entre a Igreja e o Estado. Foi nesse contexto que Rui não só traduziu magistralmente a obra de Döllinger, mas escreveu um prefácio tão extenso quanto o texto traduzido,⁴ no qual ratificou as posições do estudioso alemão e as aplicou à situação brasileira.

Tomando como ponto de partida a “Questão Religiosa”, que para ele teve um caráter essencialmente político, Rui dividiu sua argumentação em sete partes. Na primeira, fez uma longa apresentação das crescentes reivindicações políticas dos papas ao longo da história. Na segunda, argumentou que essa ampliação do poder pontifício trouxe prejuízos para a igreja, até desembocar no inédito dogma da infalibilidade. A terceira seção insistiu que há uma identidade entre a ideia de infalibilidade pessoal e a de onipotência divina. A quarta divisão tratou do Sílabo como algo que exigia adesão obrigatória. Na quinta seção, Rui argumentou pela incompatibilidade entre o catolicismo papal e as constituições modernas, em particular a brasileira. A sexta seção, sobre o regalismo e as concordatas, abordou as relações conflituosas entre o ultramontanismo e os governos nacionais. Por fim, na sétima divisão o autor defendeu sua proposta central: a igreja livre num estado livre, com a plena vigência da liberdade religiosa.

É bastante revelador do espírito dessa obra o seu parágrafo de conclusão, repleto de referências e alusões bíblicas:

Quanto à liberdade, seu dia pode tardar, mas virá; *sumus dies et ineluctabile tempus*. Infalivelmente, mais cedo ou mais tarde, há de ser vitoriosa. Há de sê-lo, por si e por essa religião em cujo nome a reclamamos; religião, não de “fábulas ineptas e senis”; não de praxes farisaicas e sensualistas; não sepultada no mistério de uma língua morta; não a desses pseudoapóstolos, do paganismo infalibilista, caluniadores do evangelho, pregadores hipócritas e mentirosos da opressão sacerdotal, com a boca cheia de Deus e a consciência cauterizada de interesses mundanos; não a das diatribes no púlpito, na imprensa, nas pastorais, nas letras apostólicas; não a do ódio, da cisão entre os homens, da desconfiança no lar doméstico, da separação entre os mortos, do privilégio, do amordaçamento

⁴ Na 2ª edição, o prefácio de Rui abrange 327 páginas e a obra de Janus, 322. Ver: JANUS (J. J. I. von Döllinger); BARBOSA, Ruy. *O Papa e o Concílio*. Versão e introdução de Ruy Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1930.

das almas, da tortura, da ignorância, da indigência no espírito e no corpo, do cativo moral e social; mas a do homem novo, renascido sob a cruz; do espírito, que vivifica, e não da letra, que mata; da comunicação interior entre o coração e Deus; da caridade e brandura para com todos os homens; religião de luz, que se alimenta de luz, e que na luz se desenvolve; religião cujo pontífice é o Cristo; religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz; religião em cujas entranhas formou-se a civilização moderna, em cujos seios sugou o leite de suas liberdades e de suas instituições, e a cuja sombra amadurecerá e frutificará a sua virilidade; religião de tudo quanto o ultramontanismo nega, amaldiçoa e inferna.⁵

1.2 *George W. Chamberlain*

Graças à publicação de *O Papa e o Concílio* e a seus discursos no Parlamento brasileiro em defesa da liberdade religiosa, Rui despertou a simpatia do missionário presbiteriano de São Paulo. George Whitehill Chamberlain (1839-1902) era dez anos mais velho que Rui e havia chegado ao Brasil em 1862, em caráter particular, depois de ter estudado por algum tempo no Seminário Teológico Union, em Nova York. Quatro anos mais tarde, em 1866, foi ordenado pelo recém-criado Presbitério do Rio de Janeiro e retornou aos Estados Unidos a fim de concluir os estudos teológicos no Seminário de Princeton. Voltou ao Brasil em 1868, casado com Mary Ann Annesley, permanecendo por um ano no Rio de Janeiro. Em outubro de 1869, assumiu o pastorado da pequena Igreja Presbiteriana de São Paulo e no ano seguinte iniciou com a esposa a Escola Americana. A escola cresceu acentuadamente nos anos seguintes, passando em 1876 a ocupar uma ampla sede própria na esquina das ruas de São João e do Ipiranga.

Nove anos depois, com a contínua expansão da escola e a necessidade de ampliação das instalações, Chamberlain promoveu a construção de um internato para meninos em sua chácara nos “altos da Consolação”, o atual bairro do Higienópolis. Ele havia adquirido essa grande propriedade, em 1874, de Dona Maria Antônia da Silva Ramos, membro da uma família destacada da cidade, filha do Barão de Antonina. Quatro anos mais tarde, em 1878, ela haveria de ingressar formalmente na igreja presbiteriana. O missionário desejava que o novo internato servisse não somente como alojamento para os alunos, mas como uma escola de treinamento para futuros pastores e professores.

2. A CORRESPONDÊNCIA

2.1 *O Internato Masculino da Escola Americana*

Em 1885, ao aproximar-se a data do lançamento da pedra fundamental do Internato Masculino, Chamberlain teve a ideia de convidar o ex-deputado

⁵ Ibid., p. 331s. Os textos bíblicos aludidos são, pela ordem: 1Tm 5.7; 2Tm 2.16; Cl 2.16; 2Co 11.13; 4.2; 1Tm 4.2; Ef 4.22,24; 2Co 3.6; 1Jo 4.8; Tt 3.2; 1Jo 1.5; 2Co 3.18; Hb 3.1; Gl 3.28; Cl 3.11, 25; Hb 13.1.

Rui Barbosa, paladino da liberdade religiosa, para participar da cerimônia. No dia 23 de maio de 1885, Chamberlain deu início à correspondência com Rui, escrevendo-lhe nos seguintes termos:

Seu patrocínio da liberdade religiosa em eloquentes discursos no parlamento brasileiro e sua advocacia e defesa *bíblica* da mesma na monumental Introdução à sua tradução de “O Papa e o Concílio”, de Janus, o destacam, dentre todos os seus patrícios, como o homem mais apropriado para a honra de um convite que por meio desta formalmente lhe apresento, em meu próprio nome e no de meus colegas e professores do Colégio Americano de São Paulo.⁶

Em seguida, o missionário ofereceu informações sobre o novo campus que estava sendo formado no Higienópolis, fez uma referência ao texto bíblico que foi esculpido na pedra memorial e afirmou o compromisso da escola com as Escrituras:

Estamos prestes a lançar a “pedra angular” ou pedra de dedicação de um novo edifício que o crescimento de nosso trabalho educacional exigiu. Ele está construído dentro de um *plano progressivo*, sobre quatro acres de terra com vistas para esta cidade, e a parte que ora está sendo erigida tem 50 metros de comprimento nos fundos de um quadrilátero que será completado no futuro, se o nosso trabalho crescer, em uma praça aberta de 100 metros. A pedra de mármore paulista ostenta a inscrição da 1ª Epístola de São Paulo a Timóteo, cap. I, v. 17, como um protesto contra o materialismo e o agnosticismo da época e uma afirmação de nosso propósito de manter nosso trabalho escolar firmemente [alicerçado] na revelação de Deus em sua palavra.⁷

Chamberlain informa ter pedido aos seus colegas do Rio de Janeiro e membros do Presbitério “sob cujos auspícios esta obra será perpetuada”, para visitarem Rui a fim de averiguar se ele poderia fazer um discurso naquela ocasião sobre o tema da liberdade religiosa e se o dia 4 de junho seria uma data apropriada para ele. Concluiu dizendo: “Minha justificativa para escolher Vossa Excelência é a proeminência que o senhor alcançou por meio de sua destemida defesa da verdade”.

Rui respondeu três dias depois, em 26 de maio, agradecendo “a honra com que acabam de distinguir-me” e acrescentou: “Os meus humildes esforços a bem dessa grande causa não podem aspirar a mais grata e elevada recompensa. Aceito-a, pois, reconhecido, e lamentando apenas a fraqueza de meus recursos

⁶ CÂMARA, Nelson. *John Theron Mackenzie*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018, p. 70-73. Ênfase de Chamberlain. Todas as citações do inglês foram traduzidas pelo autor deste artigo.

⁷ Ibid. A inscrição da pedra, preservada até hoje no campus, dizia: “Ao Rei dos séculos, imortal, invisível, a Deus só seja honra e glória. Anno Domini, 1885”.

para tão eminente encargo”.⁸ Disse que seus deveres no Rio de Janeiro não lhe permitiam estar em São Paulo antes de 25 de junho, mas que a partir daí estaria à disposição da escola na data que lhe fosse designada. Por último, fez uma conhecida sugestão quanto à data da cerimônia:

Como, entretanto, me parece que essa instituição se filia, pela origem dos seus fundadores e pelo caráter da sua denominação, aos Estados Unidos, eu ousaria sugerir, como a data mais apropriada a essa solenidade, o dia 4 de julho, aniversário da existência nacional daquele país, onde a liberdade religiosa tem nas instituições e nos hábitos do povo a sua mais magnífica expressão.⁹

Escrevendo no dia 2 de junho, Chamberlain manifestou o seu regozijo por poder contar com a presença de “alguém que tem feito um estudo tão consciencioso do assunto [liberdade religiosa] à luz da história e das Escrituras Sagradas”.¹⁰ Ao mesmo tempo, revelou preocupação com a data sugerida: “... o dia 4 de julho poderia dar um ar estrangeiro à festividade e talvez *ferir suscetibilidades de nacionalismo*”.¹¹ Isso é inteiramente compreensível numa época em que o protestantismo era visto como um corpo estranho na sociedade brasileira. O missionário propôs o dia 29 de junho e deu grande ênfase à crescente nacionalização da escola:

Grande parte de nossos professores, treinados por nós, são naturais do Brasil, e uma *Sociedade Presbitério do Rio de Janeiro*, sob cujos auspícios esperamos perpetuar este trabalho, rapidamente está se tornando nacional mediante o ingresso de novos membros de entre os nacionais, de modo que já podemos ser considerados naturalizados. O nome Escola ou Colégio Americano não foi escolhido por nós, mas nos foi dado pelo público desde o início do trabalho aqui ou a partir de 1872. É provável que de agora em diante possa ser conhecido como o *Instituto Presbiteriano do Brasil* [português] e, se Deus continuar a abençoar os nossos esforços, ainda possa incluir um currículo completo de estudos universitários.

Em seguida, Chamberlain fez algumas afirmações muito significativas sobre o caráter e objetivos do novo departamento que estava sendo implantado:

Almejamos em especial preparar um ministério nacional para a Igreja Cristã do Brasil, homens à altura do seu tempo e aptos, pela amplitude de seus estudos, a se defrontar com todas as fases da incredulidade moderna. Esse programa de

⁸ Ibid., p. 97; “Conselheiro Ruy Barbosa”, *Imprensa Evangélica*, 04/07/1885, p. 98.

⁹ *Imprensa Evangélica*, 04/07/1885, p. 98. Ver LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 223.

¹⁰ CÂMARA, *Mackenzie*, p. 74s.

¹¹ Sublinhado e em português. A maior parte dos trechos em itálico está em português nas cartas.

estudos, tal como requerido de seu ministério pela Igreja Presbiteriana, será uma cultura liberal preparatória para qualquer das profissões e será igualmente necessário para os filhos da igreja que possam abraçar a medicina ou o direito.

Essas sentenças são muito reveladoras: a finalidade precípua da escola era formar os quadros ministeriais da igreja presbiteriana; tais quadros precisavam ter uma formação apurada para poderem fazer frente aos grandes desafios intelectuais e filosóficos da época; adicionalmente seria oferecida uma preparação para as carreiras liberais; contemplava-se já a criação de um curso superior ou universitário. Chamberlain concluiu dizendo que se Rui preferisse o dia 4 de julho, acataria a sua posição, deixando a seu critério a escolha da data. O jurista respondeu três semanas depois, no dia 24 de junho, lamentando não poder comparecer à cerimônia por motivo de enfermidade:

É com o mais vivo desgosto que me vejo inibido, por motivos superiores à minha vontade, de cumprir a grata incumbência, com que me havias honrado espontaneamente, de proferir o discurso inaugural do edifício destinado ao Colégio Americano. Adoecendo, há dias, de moléstia que impossibilita de entregar-me a trabalho, esperei poder alcançar brevemente melhoras, que me permitissem acudir ao vosso chamado. Todavia, o meu mau estado de saúde persiste; os médicos recomendam-me repouso por quinze ou vinte dias; eu sinto-me materialmente sem forças para fazer a viagem a São Paulo, e não vos devo demorar por mais tempo. Assim, peço-vos que aceiteis a explicação da minha falta forçada, e acrediteis no pesar com que deixo de obedecer-vos, continuando, porém, a estar, no mais, à vossa disposição.¹²

Dois dias depois, em 26 de junho, sem ter ainda recebido a resposta de Rui, Chamberlain escreveu-lhe novamente em busca de uma definição da data. Antes disso, tendo consultado dois amigos, o general Couto de Magalhães e o jornalista Rangel Pestana, havia enviado um telegrama perguntando sobre a data escolhida: 29 de junho ou 4 de julho. Informou que o Presidente da Província havia prometido enviar uma banda militar para executar o hino nacional e acrescentou:

Suplico-lhe que me envie uma linha autorizando-me a fazer com que seu nome seja gravado na colher (*trolha de pedreiro*) que mandei fazer com dólares de prata americanos, em cujo cabo o artista esculpiu a Águia com as palavras “Em Deus confiamos”, e no reverso a cabeça da “Liberdade”. Não posso prometer-lhe uma grande audiência no dia 4, mas aqueles que estão realmente interessados no assunto lá estarão e alguns homens determinados merecem um bom anfitrião. “*Erga tenazmente essa bandeira meia dúzia de homens de fé e o país estará*

¹² *Imprensa Evangélica*, 04/07/1885, p. 98. O jornal menciona erroneamente que a carta é de 24 de maio.

com eles”. Posso prometer-lhe um número de homens de “vontade invencível” aos quais vossas palavras persuasivas poderão impelir à ação.¹³

Concluiu convidando Rui para hospedar-se em sua residência e solicitou sua autorização para imprimir o discurso para distribuição gratuita. Dois dias depois, em 28 de junho, Chamberlain tornou a escrever a Rui, dizendo ter recebido sua carta do dia 24 em que informava não poder comparecer por causa do problema de saúde. Essa nova carta do missionário é especialmente significativa por duas razões: revela a seriedade com que o missionário encarava a vida e o ministério cristãos e o seu interesse pessoal pelo bem-estar do novo amigo. Chamberlain começou dizendo:

É o “Dia do Senhor” ou Domingo, e não tenho o hábito de escrever cartas e nem mesmo de ler as que recebo para que não perca a bênção daquele que disse: “O sábado foi feito por causa do homem” – “*em contemplação do homem*” – e acho de grande benefício para mim espiritualmente não me permitir que seja distraído dessa ordem de considerações que trazem descanso à alma. Porém, eu havia anunciado à congregação à qual ministro a palavra de Deus, há alguns domingos, que o senhor havia aceitado o convite para falar sobre um tema tão vital como a “liberdade religiosa” e numa ocasião solene como a da dedicação de uma casa à instrução da juventude desta terra, tendo sido feitas orações ao Deus vivo para que ele lhe desse “boca e sabedoria” para falar palavras ardentes.¹⁴

Ao tomar conhecimento da dificuldade de Rui, Chamberlain lhe disse ter orado “Àquele que cura todas as nossas enfermidades, para que, se for da Sua vontade, o senhor seja curado e receba forças para a viagem a São Paulo”, permanecendo na firme expectativa de que ainda pudesse contar com a sua presença. Perguntou-lhe sobre a possibilidade de incluir entre os documentos a serem colocados na pedra fundamental um exemplar de *O Papa e o Concílio*, algo que seria útil para um historiador do futuro. Conclui com um nota muito pessoal, algo que a partir de agora iria caracterizar suas cartas ao homem público:

Solicitei-lhe que envie um substituto se por qualquer motivo o senhor não puder vir, mas me sinto tão atraído ao senhor pessoalmente [*so drawn toward you personally*] que tenho vontade de lhe dizer como Pedro ao paralítico: Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te e anda.

Esse primeiro conjunto de correspondências é fascinante por revelar várias concepções fundamentais do missionário acerca da educação, seu interesse pela crescente inserção da Escola Americana na cultura nacional e seu

¹³ CÂMARA, *Mackenzie*, p. 76s.

¹⁴ *Ibid.*, p. 78.

grande empenho em obter a simpatia e o apoio de um personagem respeitado na sociedade brasileira.

2.2 Um novo tempo na igreja e no país

Na segunda metade da década de 1880, além de se dedicar à atividade jurídica, Rui envolveu-se fortemente com as causas abolicionista e republicana, que resultaram no decreto de abolição da escravatura (13/05/1888) e na Proclamação da República (15/11/1889). Ele foi o autor da primeira bandeira republicana, usada por poucos dias, e integrou o primeiro ministério do novo governo, ocupando a pasta da Fazenda. Teve participação direta na elaboração da nova Constituição, cujo projeto foi redigido em sua residência. Em 1890, foi eleito Senador, função que iria desempenhar por vários mandatos ao longo de 30 anos, até perto do final da vida.

À frente do Ministério da Fazenda (1889-1891), envolveu-se em dois episódios que não lhe têm sido favoráveis no julgamento da história. Mandou queimar os documentos relacionados com a escravatura, supostamente para apagar essa mancha do passado nacional. Acredita-se, porém, que o verdadeiro motivo foi inviabilizar as indenizações que vinham sendo pleiteadas pelos antigos proprietários de escravos. Também foi o principal responsável pelo chamado “encilhamento”, grave crise econômica resultante da emissão descontrolada de moeda, o que produziu inflação e especulação financeira. Ao mesmo tempo, Rui decepcionou-se amargamente com as ações antidemocráticas dos primeiros governos republicanos.

Defensor intransigente dos princípios constitucionais, tornou-se um crítico acerbo da administração de Floriano Peixoto e pleiteou nos tribunais as causas de indivíduos e grupos perseguidos e oprimidos pelo governo. Em setembro de 1893, ao estourar a Revolução Federalista, foi declarado suspeito de ligação com o movimento e teve de partir para o exílio em vários países, inclusive a Inglaterra protestante. Retornando ao Brasil em 1895, reassumiu sua cadeira no Senado Federal. Em 1897, tornou-se um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.¹⁵

Quanto ao Rev. Chamberlain, os anos posteriores à primeira correspondência com Rui foram muito importantes em sua carreira. A partir de 1886, começou a afastar-se do pastorado da Igreja Presbiteriana de São Paulo, sendo substituído pelo seu auxiliar, Modesto Carvalhosa, até que tomou posse, em 1888, o primeiro pastor nacional eleito, Rev. Eduardo Carlos Pereira. No mesmo ano, Chamberlain participou da criação do Sínodo Presbiteriano, sendo nomeado missionário sinodal. Dedicou-se em tempo quase integral à evangelização em muitos pontos do território nacional. A partir de 1890, envolveu-se fortemente com a criação do Colégio Protestante de São Paulo,

¹⁵ TORRES, “Rui Barbosa”; WIKIPEDIA, “Ruy Barbosa”.

depois denominado Mackenzie College. Teve longa permanência nos Estados Unidos, levantando recursos para o novo projeto educacional. Finalmente, em setembro de 1892 transferiu residência para a Bahia, onde passou a última década de sua vida. Residiu inicialmente em Salvador e depois em Feira de Santana, São Félix e Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Essa transferência para a terra natal de Rui Barbosa o colocaria em contato ainda mais estreito com o grande homem público.

É possível que o missionário tenha continuado a se corresponder regularmente com Rui depois dos primeiros contatos em meados de 1885, mas, dentre as cartas disponíveis, a primeira que vem a seguir é de 29 de agosto de 1890, ainda nos primeiros meses do governo republicano. Chamberlain se encontrava em East Northfield, no Estado de Massachusetts, e iniciou sua carta dizendo: “No grandioso movimento no qual o senhor tem sido um ator principal, tenho sido um espectador mui intensamente interessado”.¹⁶ A seguir, referiu-se ao Rev. William Alfred Waddell, missionário que estava a caminho de São Paulo e seria o coadjutor de Horace Manley Lane na implantação e direção do Colégio Protestante. Disse que Waddell iria visitar Rui e informar-lhe sobre a projetada instituição, a qual poderia ajudar a “lançar os fundamentos de uma prosperidade duradoura para o Brasil”. Estava enviando por intermédio dele um exemplar dos estatutos da nova escola, em relação aos quais solicitou sua crítica sincera. Elogiou Waddell por sua competência e ofereceu os serviços de ambos “ao país de minha adoção” e “à causa pela qual o senhor está labutando”. Indicou como seu endereço a Quinta Avenida, nº 53, em Nova York, e informou que esperava regressar ao Brasil no ano seguinte.

Em 24 de fevereiro de 1893, já residindo na Bahia, o missionário escreveu a Rui em português, novamente para tratar do Colégio Protestante. Transcreveu uma carta de Horace Lane, em inglês, na qual este expressava diversos questionamentos sobre a situação jurídica da nova escola: “Tenho encontrado alguma dificuldade em obter orientação legal sobre se o Colégio Protestante pode ou não atuar no Brasil sob o atual estatuto. Alguns dizem ‘sim’ e alguns ‘não’”.¹⁷ Solicitou um parecer de Rui e ofereceu cinco informações sobre a escola: (1) Não é uma sociedade anônima, mas uma corporação literária; (2) Será governada, quanto ao aspecto financeiro, por uma Junta de Síndicos em Nova York; a junta administrativa estará no Brasil, onde serão realizados os estudos; (3) O colégio ainda não solicita quaisquer favores, nem mesmo o direito de conceder graus; (4) Tem os auspícios da Junta de Regentes da Universidade de Nova York e concederá os graus com base na incorporação a essa Junta; (5) A Constituição que o senhor tem [em mãos] é a lei orgânica

¹⁶ CÂMARA, *Mackenzie*, p. 79.

¹⁷ *Ibid.*, p. 80s.

e não os *Estatutos* sob os quais o trabalho escolar será realizado; estes serão redigidos aqui e encaminhados à Junta de Curadores, que não possui um equivalente na lei brasileira.

A questão principal da consulta era a seguinte: “Pode esta corporação funcionar sem primeiro encaminhar seus estatutos às autoridades brasileiras? A cláusula da Constituição [Brasileira] que concede absoluta liberdade a todo trabalho educacional e profissional se aplica ao caso?” Chamberlain submetia o assunto à apreciação de Rui, “que teve a parte mais ativa na elaboração das cláusulas do grande pacto com que a 24 de fevereiro entramos no convívio das nações livres”. Explicou que a formação de uma Junta de Curadores em Nova York, para fiscalizar e administrar os recursos, foi uma exigência dos doadores, e que essa Junta, por exigência da lei estadual, precisou submeter sua lei orgânica ao Regentes da Universidade do Estado de Nova York.

No mesmo dia, 24 de fevereiro de 1893, Chamberlain escreveu uma segunda carta a Rui Barbosa, com um teor mais pessoal. Enviou-lhe e pediu-lhe para ler quando pudesse a brochura *A Igreja*, e comentou:

Não escapou à sua perspicácia o fato de que a organização presbiterial da igreja de Cristo inclui todos os princípios fundamentais do sadio republicanismo e é um treinamento contínuo e rigoroso do povo nesses princípios. A federação de estados encontra seu equivalente na união de igrejas individuais sob um Presbitério.¹⁸

A seguir, o missionário tratou da vida espiritual. Disse que o livro que acompanhava a carta trouxe muito auxílio e sustento à sua própria família, desejando que fizesse o mesmo pela família de Rui. Citando as últimas palavras do jurista na Introdução de *O Papa e o Concílio*, desejou que o lazer dominical concedido por Deus tivesse no livro presenteado um auxílio para o cultivo da

[...] religião do homem novo, renascido sob a cruz; do espírito que vivifica e não da letra que mata; da comunicação interior entre o coração e Deus; da caridade e brandura para com todos os homens; da religião de luz, que se alimenta de luz e que na luz se desenvolve, religião cujo pontífice é o Cristo; religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz; religião em cujas entranhas formou-se a civilização moderna, em cujos seios sugou o leite de suas liberdades e de suas instituições, e a cuja sombra amadurecerá e frutificará a sua virilidade.¹⁹

Chamberlain e a esposa ofereceram a Rui um segundo livro, *Practical Religion*, agradecendo a manifestação do senador no feriado do aniversário de Washington, dois dias antes, e desejando a ele, sua esposa e filhos “toda a

¹⁸ Ibid., p. 82.

¹⁹ Ibid., 82s. Essa citação está em português.

plenitude de bênção que a religião de Cristo transmite”. Pediu que seu filho caçula Daniel, o portador da carta e dos livros, apertasse a mão de João, filho de Rui, “em sinal da perpetuidade de uma amizade iniciada na terra e que, eu confio, será continuada no Céu”. Devolveu um exemplar do periódico *Fortnightly Review*, com breve comentário sobre um de seus artigos.

Destaca-se neste segundo conjunto de cartas, por um lado, o interesse em buscar a orientação profissional de Rui Barbosa no tocante aos desafios legais enfrentados pelo Mackenzie College. Por causa do seu caráter singular – escola missionária protestante, dirigida a partir do exterior, contendo um inédito curso superior de natureza privada – havia uma série de incertezas jurídicas que reclamavam a orientação do grande causídico. Por outro lado, as missivas revelam o esforço incisivo, porém respeitoso, de Chamberlain em dialogar com o homem público sobre temas fundamentais da fé cristã: o novo nascimento, a importância da cruz, a comunhão com Deus, a centralidade de Cristo, a dimensão ética, o impacto do cristianismo na história.

2.3 Desafios da virada do século

À medida que o século 19 chegava ao seu ocaso, Chamberlain se concentrou cada vez mais em suas atividades pastorais e evangelísticas no interior da Bahia, com residência em Feira de Santana. O Mackenzie College, plenamente consolidado sob a direção firme e competente de Horace Lane, já não ocupava tanto as suas atenções. Por sua vez, Rui estava imerso de maneira crescente em suas múltiplas atividades advocatícias, políticas e intelectuais, embora os eventos que lhe trariam maior notoriedade ainda se encontrassem no futuro.

A carta seguinte de Chamberlain, datada de 27 de maio de 1897, ainda foi escrita em Salvador. O endereço era a Rua da Gameleira, nº 3, a sede da igreja. O missionário começou dizendo que tinha ouvido Rui falar duas vezes nos últimos dias e desejava que Deus o protegesse para que ele pudesse continuar por muito tempo a propagar suas “sãs ideias”. Também desejava que ele fosse “o pai de uma geração inteira de senadores, tão dignos do nome quanto o senhor mesmo”. Acrescentou: “Agrada-me o fato de que o senhor tem os ouvidos da nação e o coração da sua juventude. ‘Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão’ [Ec 11.6]”.²⁰ Mencionou o fato de que uma escola da cidade que contava com o auxílio dos presbiterianos receberia o nome do senador e perguntou se a Escola Americana da capital baiana poderia receber a sua visita no dia seguinte.²¹

²⁰ Ibid., p. 85.

²¹ Essa escola funcionava no mesmo endereço da igreja e teve início em 23/07/1894. Foi fundada pelo Rev. John B. Kolb e algumas de suas primeiras professoras foram Helen J. Justice, Mallie J. Bankston e Sophie Muller. Ver: *Almanack do Estado da Bahia*, 1898-1903, p. 459.

Dando continuidade à carta, Chamberlain alegrou-se pelo fato de que, ao visitar a casa de Rui e perguntar-lhe se ele era não somente seu amigo, mas um irmão em Cristo, Rui respondeu: “Sim, certamente”. Disse que ia enviar-lhe uma edição de bolso da Bíblia para as suas viagens. Referindo-se às lutas do senador, ele lembrou a mensagem da Escritura:

Aqueles que bebem profundamente dessas fontes de salvação podem levantar a cabeça e cantar nos dias da mais profunda aflição e isolamento. Experimente, como tônico, o Salmo 31.13-24 e seu companheiro, o Salmo 71, escrito pela mesma mão em data posterior, depois de amargas experiências. “Espera pelo Senhor, ele fortalecerá o teu coração” [Sl 27.14].

O missionário concluiu essa carta profundamente pessoal e pastoral dizendo que gostaria de se encontrar com Rui por meia hora a fim de orarem juntos e entrarem em acordo mútuo para poderem reivindicar a promessa de Mateus 18.19-20 (“Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”).

Chamberlain escreveu novamente a Rui em 11 de setembro de 1898, a bordo do navio “Thames”.²² Saudou-o como “meu amigo e irmão em Cristo” e disse que tinham acabado de realizar o culto matutino a bordo. Acrescentou: “Estamos deslizando sobre mares calmos ao longo da costa do seu estado natal e estou pensando em seu filho mais eminente”. Acrescentou que os Salmos 56, 57 e 58, usados nas orações matinais daquele dia,

[...] me fizeram lembrar do senhor e de seus problemas, dos quais o Senhor o salvou e ainda salvará. Apenas confie nele. Quão apropriado à experiência passada é o de número 56! E o versículo 8 poderia ter sido escrito pelo senhor, como foi escrito para o senhor: “Levaste em conta meu exílio; oh! Deposito em teu vaso minhas lágrimas! Não estão elas registradas em teu livro? (versão de Santos Saraiva).²³ O senhor pode agora acrescentar (v. 12): “À minha conta estão os votos que Te fiz... porquanto Tu livraste da morte minha alma; não fizeste Tu que meus pés não resvassem, para que eu ande diante de Ti na luz da vida?” O Salmo 57 não é menos próprio para oração na atualidade, “até que passem estas calamidades”.

Disse ainda: “Estou contente pelo fato de que o senhor iniciará em breve a propaganda *pela Imprensa de sãs ideias* e continuarei a orar, como fizemos

²² CÂMARA, *Mackenzie*, p. 87.

²³ Chamberlain publicou naquele mesmo ano uma tradução dos salmos (*Harpa d'Israel*) feita pelo erudito e ex-padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1834-1900), que era professor do Mackenzie College.

juntos, para que Deus lhe dê sabedoria e ‘compreensão dos tempos, para saber o que o Brasil deve fazer’”. Citando o Salmo 58, disse que os perversos não iriam ouvir “a voz dos encantadores, do fascinador, hábil em encantamentos”, mas “serão eles arrebatados em turbilhão”, e se dirá: “Há recompensa para o justo; de certo há Deus que julga sobre a terra”. Concluindo, pediu-lhe que não se ofendesse por ele repetir: “*Seja sintético*. É porque quero que *todos* leiam *tudo* o que o senhor escreve, especialmente os homens *ocupados* que não têm muito tempo para ler, mas fazem a sua própria reflexão”.

Em 5 de maio de 1899, residindo em Feira de Santana, Chamberlain escreveu mais uma vez a Rui Barbosa. Ele começou a carta informando que os agentes da Sociedade Bíblica Britânica e da Sociedade Bíblica Americana pretendiam fazer uma representação ao Congresso, por intermédio de Rui, “sobre a injustiça que sofrem estas sociedades, na sua obra benévola e benéfica, ao serem classificadas como casas comerciais”.²⁴ Com isso, teriam de pagar impostos e licenças em cada município e manter livros comerciais selados. O missionário explicou que essas sociedades tinham em vista colocar a Bíblia ou porções dela ao alcance das pessoas pobres, vendendo-as ao preço de custo, e que as demais despesas do trabalho eram cobertas pelas contribuições anuais das igrejas. Dessa maneira a palavra de Deus estava sendo oferecida em todo o mundo em mais de 300 idiomas. Assim, dificultar a circulação dos Livros dos livros era um crime contra a caridade e contra a pátria.

A seguir, o missionário citou depoimentos sobre a Escritura emitidos por Thomas Huxley, John Ruskin, Heinrich von Ewald, Ernst Renan, Heinrich von Heine e John Henry Newman, e perguntou: “Deve o Livro que, na estimativa de agnósticos, céticos, cientistas e homens de fé igualmente, possui tamanho efeito educacional, ser tributado pelo governo federal em suas *alfândegas* e pelas municipalidades?” Mencionou um deputado conservador da época do Império que conheceu no interior de São Paulo. Certa vez, andando pelo sertão de Jaú, ele se deparou com um grupo de crentes humildes, com a Bíblia nas mãos, e pensou consigo mesmo: “Eis o que meu país está precisando. Uma escola do povo, pelo povo e para o povo! E uma escola de moral! E não está custando ao governo um real!” Chamberlain comentou como a vida de Jaú havia mudado nos últimos anos e exclamou: “Que a palavra de Deus tenha livre circulação e seja glorificada no Brasil!”

Por fim, o missionário indagou se Rui havia tomado conhecimento do conflito em que ele havia se envolvido em Feira de Santana, divulgado em várias edições do jornal *A Bahia* sob o título “Questão religiosa”. Então solicitou: “Se eu estiver certo, por favor fortaleça as minhas mãos; se errado, corrija o erro e coloque toda esta ‘questão religiosa’ claramente diante do público em

²⁴ CÂMARA, *Mackenzie*, p. 90-93.

um de seus luminosos artigos em *A Imprensa*". Soube por telegrama que Rui estava doente e convidou: "Venha e descanse um pouco nesta mais airosa das cidades baianas". Perguntou se o amigo tinha recebido um exemplar do livro *Harpa d'Israel*.

A última carta de Chamberlain a Rui é datada de 19 de março de 1901 e foi enviada de São Félix, na Bahia. Ele informou que o Conselho Municipal da "heroica cidade de Cachoeira" cedeu à igreja presbiteriana um terreno defronte ao rio Paraguaçu, onde foi iniciada a construção de uma casa para ser usada como templo e escola.²⁵ Acrescentou:

Nem todos os seus concidadãos e nem todos os deputados da Bahia ousarão dizer: Muito bem! Estou certo de que, estivesse o senhor aqui [na Bahia], aceitaria nosso convite para fazer um discurso sobre "Liberdade Religiosa" no lançamento da pedra de esquina desta casa de oração e instrução. Podemos esperar que o senhor terá o prazer de fazer outra visita à terra natal e prestar outro serviço à causa da liberdade de consciência em seu estado natal?

Em caso positivo, perguntou a Rui que data do mês de abril lhe seria conveniente e se poderia indicar um nome alternativo a quem pudesse endereçar um convite. Concluiu: "Nem todos os seus estadistas têm *vistas largas* e daqueles que as têm nem todos têm a 'coragem de suas convicções'". Assim, por interessante coincidência, a primeira e a última carta de Chamberlain a Rui Barbosa, separadas por 16 anos, tiveram esse ponto comum: o convite para proferir um discurso sobre liberdade religiosa no lançamento da pedra fundamental de uma escola protestante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano seguinte ao da última carta, o Rev. Chamberlain veio a falecer em Salvador, vitimado pelo câncer. Era o dia 31 de julho de 1902 e ele estava com 63 anos. Rui Barbosa prosseguia com sua carreira de senador, que ainda haveria de se estender por quase duas décadas. Em abril de 1902, publicou um parecer crítico ao projeto do Código Civil e no final do mesmo ano envolveu-se em famosa polêmica filológica com Ernesto Carneiro Ribeiro. Em 1907, notabilizou-se por sua participação na 2ª Conferência de Paz, realizada em Haia, na Holanda, recebendo do Barão do Rio Branco o epíteto de "O Águia de Haia". Em julho de 1917, ao receber o título de professor *honoris causa* da Faculdade de Direito e Ciências Sociais de Buenos Aires, protestou contra a posição dos países neutros diante das atrocidades da 1ª Guerra Mundial.

Nas primeiras décadas do século 20, Rui foi candidato à presidência da República por nada menos que quatro vezes. A primeira foi em 1905, mas

²⁵ Ibid., p. 94-96.

retirou sua candidatura para apoiar Afonso Pena. Em 1909-1910 empreendeu a célebre campanha civilista ao lado de Albuquerque Lins, candidato a vice-presidente, sendo derrotado por Hermes da Fonseca. Em 1914, concorreu com Venceslau Brás, mas renunciou à candidatura. No mesmo ano, foi eleito presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros. Em 1919, concorreu pela última vez à Presidência da República, sendo vencido por Epitácio Pessoa. Dois anos mais tarde renunciou à sua cadeira no Senado, mas foi reeleito poucos meses depois. No mesmo ano não pôde comparecer à formatura da Faculdade de Direito de São Paulo, onde havia se formado cinquenta anos antes, mas enviou o seu famoso discurso “Oração aos Moços”. Faleceu em Petrópolis no dia 1º de março de 1923. Suas últimas palavras foram: “Deus, tende compaixão de meus padecimentos”.²⁶

Ainda em vida de Rui, surgiu um debate sobre sua suposta retratação das ideias contidas em *O Papa e o Concílio*. Em 1908, Álvaro Reis polemizou com Carlos de Laet acerca do assunto.²⁷ Quarenta anos mais tarde, na época das comemorações do centenário de nascimento do ilustre personagem, um autor anônimo, provavelmente o Rev. Júlio Camargo Nogueira, redator-chefe do jornal *O Puritano*, declarou:

Dizem por aí, inclusive o seu genro Dr. Batista Pereira, haver Rui abjurado “O Papa e o Concílio”. Pode ser. Não o cremos, porém. Jamais apareceu, que saibamos, nos dias de sua vida, qualquer declaração sua ou documento idôneo que o comprovasse. Já agora, se aparecer qualquer coisa desse gênero, poderemos tê-lo como espúrio. Não negamos – e o lamentamos – ter o nosso ilustre patricio, em alguns de seus gestos, atitudes e discursos posteriores, renegado a pura fé evangélica que parece ter cultivado em dias de sua juventude, especialmente quando na Inglaterra, e que se reflete enérgica, inteligente, esclarecida, nas páginas dessa obra hoje, a nosso ver, pretensamente impugnada por ele.

O autor continua:

Rui não o impugnou jamais. Não há provas. Não o poderia mesmo fazer. Os fatos ali expostos são de domínio da História e não podem ser desfeitos. Os comentários, as doutrinas, as teses ali sustentadas, se alicerçam na rocha viva das Santas Escrituras, da lógica, do bom senso. São indestrutíveis, inamovíveis, irrespondíveis.²⁸

O jornal voltou a falar do assunto no ano seguinte. Afonso Romano Filho argumentou que outras obras de Rui também possuíam críticas ao catolicismo

²⁶ WIKIPEDIA, “Ruy Barbosa”; TORRES, “Rui Barbosa”.

²⁷ *O Puritano*, 14/05/1908, p. 1. Ver uma longa citação de Rui no mesmo jornal, 12/09/1918, p. 1.

²⁸ “Fatos e comentários”, *O Puritano*, 25/11/1949, p. 1.

e elogios ao protestantismo, como um trecho de seus “Discursos Parlamentares”, ao tratar, na Câmara dos Deputados, da secularização dos cemitérios.²⁹

Todavia, essa questão é secundária para os propósitos deste artigo. O fato que merece destaque foi a amizade singular entre o missionário e o grande brasileiro. Tal ocorrência não foi inteiramente singular. Antes e depois de Chamberlain outros missionários tiveram conexões com figuras destacadas, a começar da própria Bahia. O Rev. John Benjamin Kolb também foi amigo de Rui e numa geração posterior o Rev. Peter Garret Baker, futuro presidente do Mackenzie College, iria se tornar muito conhecidos nos meios acadêmicos e intelectuais soteropolitanos. O que distingue o Rev. Chamberlain foi sua longa correspondência com Rui, seu sincero interesse por ele, a preocupação com suas lutas no parlamento e no governo, seu diálogo respeitoso mas incisivo sobre o evangelho e a preocupação em estabelecer uma amizade genuína, uma cumplicidade de mente e coração, que ia além da simples troca de cartas. Tudo isso torna ainda mais fascinante a figura desse norte-americano de nascimento e brasileiro de coração que foi George Whitehill Chamberlain.

ABSTRACT

Rev. George W. Chamberlain, the founder of the American School and Mackenzie College, in São Paulo, Brazil, was always interested in making contacts with relevant individuals in the social, intellectual, and political context of Brazil. He did so not only in search of sympathy and assistance for the fledgling evangelical work in the country, but also driven by a genuine desire to communicate to such influential persons the gospel of Christ. One of the characters he approached was the prominent lawyer, politician, and thinker Rui Barbosa, with whom he established an enduring relationship of trust and friendship. The purpose of this article is to describe and analyze the correspondence of more than fifteen years (1885-1901) between the North American minister and the Brazilian public figure, by taking into consideration thirteen letters exchanged by them. Eleven of such letters were written by Chamberlain and two by his interlocutor. The article starts with a description of the characters, proceeds with an analysis of the letters' content, and finalizes with some considerations on the meaning and results of this correspondence.

KEYWORDS

Brazilian Protestantism; Church and society in Brazil; Religious freedom; Evangelization; George Whitehill Chamberlain; Rui Barbosa.

²⁹ *O Puritano*, 25/10/1950, p. 1. O material citado está no Vol. 7, p. 164s.